

SERVIÇO SOCIAL E PENSAMENTO CRÍTICO NA AMÉRICA LATINA: ALGUMAS INTERLOCUÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DA DEPENDÊNCIA

Eixo 1: Serviço social: Fundamentos, questão social e prática profissional

CHAYANNA NASCIMENTO MESQUITA¹

RESUMO: O presente texto, fruto de reflexões desenvolvidas na disciplina pensamento crítico latino-americano no mestrado acadêmico em Serviço Social, traz algumas reflexões acerca das aproximações do Serviço Social com o pensamento crítico, sobretudo durante o período de reconceitualização. Reflete também acerca da teoria da dependência e sua contribuição para os debates da profissão. A pesquisa é de cunho bibliográfico e se fundamentou principalmente em autores críticos e no autor Rui Mauro Marini. A pesquisa possibilitou à compreensão a importância da apropriação pelo Serviço Social do debate da teoria da dependência, visto sua contribuição para entendimento crítico dos processos sociais, econômicos e políticos que perpassam e perpassaram as sociedades latino-americanas historicamente.

Palavras-chaves: Serviço social, pensamento crítico, teoria da dependência.

ABSTRACT: This text, the result of reflections developed in the discipline of Latin American critical thinking in the academic master's degree in Social Work, presents some reflections on the approaches of Social Work to critical thinking, especially during the period of reconceptualization. It also reflects on the theory of dependency and its contribution to the debates of the profession. The research is of a bibliographic nature and was based mainly on critical authors and on the author Rui Mauro Marini. The research made it possible to understand the importance of the appropriation by Social Work of the debate of the theory of dependency, given its contribution to the critical understanding of the social, economic and political processes that permeate and have permeated Latin American societies historically.

Keywords: Social work, critical thinking, theory of dependency.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta das reflexões desenvolvidas a partir da disciplina "Pensamento Crítico Latino-Americano", parte do mestrado acadêmico em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará. A disciplina proporcionou a reflexão da importância de se compreender as contradições e particularidades próprias da América Latina, de modo que avancemos na construção de um conhecimento crítico e transformador.

¹ Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social pela Universidade Estadual do Ceará – chayanna.mesquita@aluno.uece.br. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6962308795895706>.

Durante a disciplina, observou-se que os marcos históricos políticos e econômicos apresentados durante as ministrações das aulas, pelo sociólogo doutor Lúcio Fernando Oliver Costilla, expressavam uma certa simultaneidade entre os processos do avanço do pensamento crítico latino-americano e do conhecido movimento de reconceitualização do Serviço Social. Dito isto, surgiram os seguintes questionamentos: quais as possíveis interlocuções entre o período de reconceitualização do Serviço Social e o pensamento crítico latino americano? O que é a teoria da dependência e sua contribuição para os debates do Serviço Social?

Tendo como enfoque o objetivo de responder a estas reflexões, buscou-se, realizar uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal autor Rui Mauro Marini e outros teóricos que desenvolvem os pensamentos deste autor, além dos artigos que compõem o livro perspectivas histórico-críticas no Serviço Social: América Latina, Europa e EUA. (Eiras; Moljo e Duriguetto, 2022) O presente trabalho, para melhor entendimento do leitor, se dividiu além da presente introdução, em dois tópicos: 1) buscou-se falar acerca do movimento de reconceitualização e aproximação do Serviço Social com o pensamento crítico e o 2) alguns apontamentos sobre a teoria da dependência.

O MOVIMENTO DE RECONCEITUAÇÃO E A APROXIMAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL COM O PENSAMENTO CRÍTICO

Iamamoto (2014), bem destaca que compreender os fundamentos e a história do Serviço Social, contempla-se a partir da perspectiva da totalidade histórica. O que implica afirmar a importância do diálogo constante com os processos históricos da profissão e o terreno fértil que é o contexto social onde se insere, que por sua vez é multifacetado e compreende a relação contraditória entre classes e Estado, capital e trabalho.

Para Iamamoto (2014, p. 621-622), compreender o Serviço Social supõe,

nesse sentido, elucidar os processos sociais que geram a sua necessidade social, o significado de suas ações no campo das relações de poder econômico e político — das relações entre as classes e destas com o Estado —, assim como a inscrição do Serviço Social no debate teórico e cultural de seu tempo. Portanto, situar o Serviço Social na história é distinto de uma história do Serviço Social reduzida aos muros da profissão.



Desta forma, buscando ir além dos muros, pretende-se a seguir subsidiar breves reflexões de um movimento histórico do Serviço Social: o movimento de reconceitualização, e também acerca das contribuições do pensamento Latino americano para a profissão. Pensar o movimento de reconceitualização é fundamental para compreensão das aproximações do Serviço Social com os debates acerca dos movimentos sociais e com um projeto societário pautado pelos direitos sociais e interesses da classe subalterna, uma vez que foi um marco entre esses postulados e a profissão.

De acordo com Eiras, Moljo e Duriguetto (2022), o período de reconceitualização é marcado pela ofensiva da hegemonia do imperialismo norte-americano, que ocorreu nos anos de 1945 a 1973, as ditas décadas de ouro. Que por sua vez desvelaram as contradições desse processo e impulsionaram a crise estrutural do capital. O movimento tem seu início na década de 60, iniciando em países como o Brasil, Chile e Argentina, propagando-se posteriormente por toda a América Latina.

O recente livro perspectivas histórica-críticas no Serviço: América Latina, Europa e EUA (2022), das autoras Eiras, Moljo e Duriguetto é uma leitura obrigatória para mergulhar no contexto histórico, político e social do movimento e as heranças que ficaram para a profissão. Trazem um leque do cenário da época que ilustra os importantes acontecimentos que ocasionaram o movimento. Para as autoras, a década de 60 é emoldurada por dois processos que ocorriam em simultaneidade: o contexto geopolítico da guerra fria e o financiamento do Estados Unidos às ditaduras e ao mesmo tempo as experiências de inspiração socialista e/ou democrática popular que desabrochavam na América Latina.

As autoras citam algumas dessas experiências:

a de Allende, no Chile, até 1973; de Granada, sob a liderança de Maurice Bishop, destruída pela invasão norte-americana em 1983; a vitória da Revolução Sandinista da Nicarágua; a Revolução Popular em El Salvador, com duração de 12 anos, desativada em 1992; a Revolução Popular na República Dominicana, interrompida em 1965 por invasão de forças norte-americanas e brasileiras. Enquanto as forças da contrarrevolução, impulsionadas pelos EUA, afirmavam-se no fascismo de Pinochet, nas ditaduras militares na Argentina, Brasil e Uruguai, destroçando ensaios democráticos importantes; seguidas da invasão do Panamá pelos Estados Unidos em 1989 (Eiras, Moljo e Duriguetto, 2022, p. 08).

Como visto, esse período foi marcado por um efervescente contexto político e social das décadas de 60 e 70, que, importa ressaltar, encontrou impulso na experiência cubana de 1959, que foi precursora em colocar na sua agenda a perspectiva da revolução socialista e a contrarrevolução pelo imperialismo (Eiras, Moljo e Duriguetto, 2022). Nesse cenário envolto de mobilização social em

resposta as refrações da crise estrutural do capital, resultou, segundo a ótica de José Paulo Netto (2005), na erosão do Serviço Social tradicional.

De acordo com José Paulo Netto (2005), o período de reconceituação pode ser dividido entre três perspectivas distintas: a modernização conservadora, a reatualização do conservadorismo e a intenção de ruptura. A modernização conservadora tem como principal marca a adequação ideológica do Serviço Social ao desenvolvimentismo, tendo como principais vertentes o positivismo e o funcionalismo sistêmico. Nesse momento, percebe-se a tendência da categoria em cientificizar sua atuação, aperfeiçoando-se por meio de procedimentos metodológicos e técnicos, visando o padrão de eficiência, conceito que fazia parte do desenvolvimentismo em avanço na época.

[...] uma perspectiva modernizadora para as concepções profissionais - um esforço no sentido de adequar o Serviço Social, enquanto instrumento de intervenção inserido no arsenal de técnicas sociais a ser operacionalizado no marco de estratégias de desenvolvimento capitalista, às exigências postas pelos processos sócio-políticos emergentes no pós-64 (Netto, 2005, p. 154).

Observa-se que nessa vertente, embora se tentasse introduzir elementos novos, a profissão se manteve dentro dos limites do sistema capitalista, sem de fato questioná-lo.

Já na reatualização do conservadorismo, recuperou-se elementos históricos e conservadores da profissão, porém com uma nova roupagem. “supunha reatualizar o conservadorismo, embutindo-o numa ‘nova proposta’, ‘aberta’ e ‘em construção’” (Netto, 2005, p. 203) Essa vertente é complexa, devido sua dualidade. Pois ao mesmo tempo que havia uma inclinação em romper com o funcionalismo e positivismo na profissão, ainda havia a permanência de elementos do Serviço Social tradicional.

A terceira dimensão trazida pelo autor, foi a intenção de ruptura que por sua vez diz respeito à pretensão de romper com a tradição positivista e com a direção do reformismo conservador. Tem como crítica central o tradicionalismo da profissão, “A perspectiva de intenção de ruptura deveria construir-se sobre bases quase que inteiramente novas; esta era uma decorrência do seu projeto de romper substantivamente com o tradicionalismo e suas implicações teórico - metodológicas e prático-profissionais” (Netto, 2005. p. 250)

Ressalta-se que essa vertente também se caracteriza pelo reforço a teoria Marxista, principalmente o marxismo acadêmico. A mesma ganhou ainda mais concretude com a publicação do



Livro de Marilda Iamamoto com o livro *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*, que representa uma efetivo diálogo com a perspectiva crítica marxista.

Fruto desses questionamentos, ocorrem em construção coletiva uma ampla articulação profissional por meio de seminário no Brasil e em outros países. Destaca-se também, a criação da Associação Latino-Americana de Escolas de Trabalho Social (1965) e do Centro Latino-Americano de Trabalho Social (1974). (Scheffer; Closs, 2018) esse processo ocorre, como já dito, tendo como pano de fundo a guerra fria e o financiamento estadunidense às ditaduras e aos golpes na América Latina. Em contrapartida a esses processos, se endossam significativos movimentos sociais: no âmbito da juventude, nos setores progressistas da igreja, na organização dos trabalhadores e da esquerda, intercorrem debates antirracistas, feministas e pacíficos. Etc.

Apesar desse momento histórico ter subsidiando questionamentos no âmbito da profissão e ter introduzido embora de forma tímida, uma teoria mais crítica, o que se sabe é que em maioria as influências teóricas ainda assim foram tradicionais e conservadoras. Esse momento de acordo com José Paulo Netto (2005), foi de mudança no tom da adequação para posteriormente, no período de renovação haver uma maior interlocução marxista.

Nesse cenário, alguns elementos se apresentaram fundamentais para o processo em curso, como o pluralismo, onde o Serviço Social inicia uma laicização, isto é, o afastamento com os ideais da igreja católica e a inserção no circuito universitário e a constituição de uma massa crítica, como psicologia social, antropologia, ciências sociais etc. É nesse contexto que o Serviço Social se aproxima ao marxismo e ao pensamento crítico (Netto, 2005).

Esse contexto de reconceituação na América Latina, marcado pela crise política, e o florescer de novos valores e a ruptura com as velhas tradições, assim como às revoluções socialistas e populares (Iamamoto, *et al*, 2022, p. 41) impulsionaram,

a procura dos “marxismos” de vários naipes, alimentaram ideários libertários e soldaram a contestação ao instituído, isto é: a exploração colonial, as relações de dependência com os centros mundiais, a exploração dos assalariados, as expropriações de camponeses, as disparidades étnico-raciais, de gênero e as intolerâncias religiosas.

Diante do exposto até aqui, pode-se observar que o movimento de reconceituação foi momento chave para o questionamento das bases do Serviço Social tradicional, assim como da sua aproximação com a teoria crítica e o marxismo. Pode-se inferir também, que nesse processo a



profissão se depara com diversos debates que também compõe o pensamento crítico latino americano, como por exemplo o questionamento das relações de dependência dos países do cone sul com os centros mundiais. No próximo tópico, pretende-se trazer acerca da teoria da dependência, importante teoria debatida no âmbito do pensamento crítico latino americano e como esta pode contribuir para os debates do Serviço Social.

O PENSAMENTO CRÍTICO NA AMÉRICA LATINA E SERVIÇO SOCIAL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DA DEPENDÊNCIA

Antes de mais nada, importa evidenciar que foi na segunda metade do século XIX que a sociologia chegou à América Latina, tendo a princípio, suas raízes fincadas na sociologia Europeia e sob dominação colonial. De acordo com Martins (2015), nesse período ser intelectual na região significava estar atualizado com o desenvolvimento que ocorria na Europa. Sendo assim, a região se apropriava de forma subordinada ao pensamento Europeu, incluindo o racismo e a culpabilização da miscigenação como causador dos atrasos sociais e econômicos, e isso ocorre em países com quantidade significativa de população indígena e negra. Porém não se demorou de surgirem pensadores que discordassem desses discursos, o que aflora no horizonte um pensamento mais crítico na América Latina, que diga-se de passagem surge utilizando-se em grande medida, do marxismo (Martins, 2015).

De acordo com Martins (2015), a partir da década de 50, após a institucionalização da sociologia na região, começam a surgir trabalhos de qualidade teórica e metodológica, entre tantos autores de perspectivas mais críticas. Nas décadas seguintes, o pensamento se tornou ainda mais latente, sobretudo com a criação da teoria da dependência, apesar das transformações sociais na América Latina galgadas no contexto de crise e dos regimes militares. (Martins, 2015).

A teoria da dependência entre os pensadores da América Latina surge como resposta e crítica ao desenvolvimentismo, onde nesse contexto se gesta

uma ciência social crítica, focada nos problemas da nossa economia, social, políticas e ideológicas [...] a partir daí a produção teórica latino-americana terá impacto, devido à sua riqueza e originalidade, aos grandes centros produtores culturais, na Europa e nos Estados Unidos, invertendo o sentido do fluxo das ideias que prevaleceram no passado (Martins, 2015, p. 244) ².

² Tradução livre realizada pelo autor.



É importante destacar que a produção crítica da América Latina surge diretamente relacionada à forma subordinada pela qual a região foi inserida no processo capitalista mundial. Através da busca pela essência e da compressão das próprias contradições da região, que diversos intelectuais buscaram a teorização e a reflexão de diversos processos. Pensar a América Latina na sua particularidade, portanto, demandou dos pensadores, a teorização de fenômenos sociais da região, assim como a fundamentação de categorias para explicar as contradições e realidades existentes das particularidades do cone sul.

Como visto, no período histórico em que acontece o movimento de reconceituação ocorre também um processo de avanço do pensamento crítico no âmbito da América Latina e essa simultaneidade não é coincidência, visto que ambos esses processos tem sua nascente no mesmo contexto social, político e histórico que inspirou a ascensão desses processos. A reconceituação foi, portanto, cenário fundamental de influência crítica, tanto para as reflexões que se seguiram entre pensadores da América Latina como para o Serviço Social.

Como visto no tópico anterior, o movimento de reconceituação foi fundamental para uma aproximação do Serviço Social com a teoria social crítica. De acordo com Eiras, Moljo e Duriguetto (2022), o movimento é dotado de várias vertentes e expressões particulares de cada país, porém sua unidade se fundamenta na busca por um Serviço Social Latino Americano, que se ancora “na recusa da importação de teorias e métodos alheios à nossa história, na afirmação do compromisso com as lutas dos “oprimidos” pela “transformação social” e no propósito de atribuir um caráter científico às atividades profissionais. (p. 09)

De acordo com Iamamoto *et al* (2022), a década de 60 foi palco de um quadro político intenso de mobilização e polarização, tendo como viés a transformação social. Que foi expressa por sua vez, “pelo despertar de uma consciência política sobre a situação de subdesenvolvimento, dependência, dominação e exploração a que eram submetidos os povos desse continente.” (p. 35) Esse processo teve como pano de fundo um crescente nacionalismo antinorte-americano que foi expresso sobretudo, na dinâmica da revolução cubana, desta forma nasce no seio desse período a crença na revolução socialista e é diante disto, dentro desse contexto diverso que o Serviço Social



tem o engajamento necessário para questionar o Serviço Social tradicional, que tinha forte influência do Serviço Social norte-americano. (Iamamoto *et al*, 2022)

É importante frisar que esse processo evidencia como a profissão em dado momento do período de reconceituação se aproximou de alguns dos debates acerca da teoria da dependência, um dos principais conceitos do pensamento da região. Inicialmente, esse movimento foi polarizado pelas teorias desenvolvimentistas, diga-se de passagem. Foi a partir de 1969, que o Serviço Social condensou as suas primeiras aproximações com a tradição marxista. O Serviço Social teve forte influência do ideário desenvolvimentista e também se aproximou da vertente que surge como crítica: a teoria da dependência.

Como afirma Layon e Molina (2004, p. 32),

Acreditamos ser oportuno destacar as grandes influências teóricas e políticas que o movimento recebeu. As principais contribuições vieram da teoria da dominação e da dependência, do marxismo, das propostas "consciencializantes" do pedagogo brasileiro Paulo Freire e também da teologia da libertação³.

Dentre os principais autores que contribuíram para a teorização dos processos da América Latina, está Ruy Mauro Marini, um dos principais pensadores da Teoria Marxista da Dependência, que analisou, conforme Martins (2015), como a inserção periférica das economias latino-americanas no capitalismo global gera ciclos de crises e subdesenvolvimento. Marini, em suas obras, destacou também acerca da superexploração da força de trabalho, que segundo o mesmo é um dos mecanismos centrais para entender essas crises econômicas e sociais na região.

Rui Mauro Marini (2000), na conceituação da teoria da dependência, olha de forma crítica para as relações entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, mostrando como os países da periferia são explorados e mantidos em uma posição subordinada no sistema capitalista global. Marini diz que a entrada dos países latino-americanos no mercado mundial não traz desenvolvimento, mas sim perpetua o subdesenvolvimento e a dependência. Em vez de progredirem, esses países continuam presos em um ciclo de exploração e desigualdade.

Bambirra (1978), afirma que a dependência é uma característica intrínseca dos países subdesenvolvidos. Para ela, a dependência,

Não é apenas um fenómeno de relações internacionais, de trocas comerciais desfavoráveis aos países subdesenvolvidos; mas são antes relações internas, que configuram uma estrutura

³ Tradução livre realizada pelo autor.



econômico-social cujo caráter e dinâmica são condicionados pela subjugação, exploração e dominação imperialista.⁴

Como afirma Bambirra (1978), essa condição de dependência é bem mais complexa do que se imagina, ultrapassa meras questões econômicas e comerciais, pautando-se em uma condição complexa de dominação. Nessa relação de dependência, há sobretudo a condição da superexploração. Isto é, nos países menos desenvolvidos a exploração do trabalhador ocorre de forma ainda mais intensa. Em termos econômicos, Marini (2000), vai falar acerca da troca desigual entre esses países, isto é, aquilo que é produzido pelos países subdesenvolvidos não é apropriado neles, mas sim nos países desenvolvidos e isso se configura como parte da própria dinâmica de acumulação do capital.

Para Marini (2000), a dependência é uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, onde as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada dessa dependência. Portanto, para o autor, a dependência não pode resultar em nada além de uma maior dependência, e sua superação exige necessariamente a eliminação das relações de produção que a sustentam.

Diante destas exposições, pode-se inferir, portanto, que superar as relações de produção que sustentam a dependência, é superar o próprio capitalismo em si, visto que faz parte da própria estrutura do capital realizar a subordinação dos países subdesenvolvidos para gerar desenvolvimento para os dominantes.

Lira (2022, p. 904), também esclarece que o desenvolvimento da América Latina no sistema capitalista é fruto da expansão capitalista, e assume por sua vez algumas características específicas e são inseridos em um processo

de monopolização, centralização e concentração de empresas multinacionais, seu desenvolvimento encontra-se submetido à aplicação de investimentos do capital estrangeiro. A base material do processo de industrialização da América Latina foi essencialmente dada pelo capital estrangeiro, o que irá condicionar suas estruturas econômicas, políticas e sociais como atrasadas e dependentes.

O questionamento que se faz, diante da definição de países subdesenvolvidos, é: Quais os fatores que levam esses países a serem considerados subdesenvolvidos? Podem evoluir e se tornarem desenvolvidos? A teoria desenvolvimentista, afirma que sim, é possível haver esse desenvolvimento,

⁴ Tradução livre.



porém, a teoria da dependência já afirma, sobretudo como crítica, que essa condição do desenvolvimento, como já dito, faz parte da lógica de produção do capital.

Marini (1973, *apud* Lira, 2018), vai apontar que há dois elementos singulares na formação econômica dos países latino-americanos. Estes elementos são a dependência e a superexploração do trabalho. Nesse contexto, se combina extração absoluta e relativa da mais valia, o que dimensiona o nível desta para apropriação do capital. Para Lira (2022), esta explicação de Marini se baseia na redução da taxa de lucro dos países subdesenvolvidos. Que é fruto por sua vez da transferência desses valores dos países dependentes para os países dominantes.

De acordo com Paz (2023), no contexto da acumulação primitiva, o processo de concentração de capital favoreceu a grande indústria e impulsionou a revolução industrial, e é nesse contexto que a Inglaterra se torna potência econômica da época e em simultaneidade ocorre também a independência dos países da América Latina. (Paz, 2023) Após esse processo de independência política, estes países passam a produzir de forma especializada alimentos e bens primários e enquanto isso, a Europa se especializou na produção de manufatura. Então nesse cenário do capitalismo concorrencial, no século XVIII, se estabelece a divisão internacional do trabalho, tendo dentre suas características essa diferenciação na produção entre os países.

Desta forma, os países do cone sul passam a exportar os bens primários que tem por sua vez, menor valor agregado, enquanto os países dominantes exportam produtos manufaturados que tem maior valor agregado, o que gera esse intercâmbio desigual.

Nesse sentido,

esses monopólios estabelecem, no mercado, um preço superior ao valor da mercadoria. Por meio desse processo, as nações desfavorecidas na troca desigual cedem gratuitamente parte do valor produzido no processo de produção e desenvolvem um mecanismo de compensação à perda de valor no mercado mundial, que é uma maior exploração da força de trabalho, que Marini chama de superexploração do trabalho, constituindo-se uma categoria que está no centro de sua interpretação sobre o capitalismo latino-americano (Paz, 2023, p. 11).

A superexploração, de acordo Marini (1973, *apud* Lira, 2018) é melhor definida pela maior exploração da força física do trabalhador, que por sua vez tem a remuneração pelo seu trabalho abaixo do seu valor real. Esse processo até aqui apresentado de forma breve, culmina então, no que Marini chama de mais-valia extraordinária, isto, é super lucros dos países dominantes, que é proporcionada por sua vez, por esta dinâmica desigual com os países do cone sul.



Diante do exposto, pode-se inferir que a dependência e suas expressões, como a superexploração, não foram construídas de forma “natural” na história da América Latina, mas sim de forma direcionada pela lógica do capital dos países dependentes, portanto, falar sobre dominação é falar também sobre o sistema capitalista. Desta forma, o debate sobre a teoria da dependência se torna fundamental e contribui sobremaneira a construção do conhecimento do Serviço Social, visto que refletir acerca da sociabilidade capitalista, principalmente sob a ótica de Marx, faz parte do arcabouço teórico e metodológico construído ao longo dos anos na profissão. Então trazer este debate é imprescindível para o Serviço Social Latino-americano, se o objetivo for uma reflexão crítica acerca da realidade particular em que estes países historicamente e atualmente são situados, sobretudo no contexto do aprofundamento da crise do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que nas últimas décadas o Serviço Social tem avançado na construção do conhecimento da profissão, o que cada vez mais dimensiona o Serviço Social como lugar de destaque no universo das Ciências Sociais e humanas. Acredita-se que compreender tais debates, aqui apresentados, é fundamental para a construção do conhecimento do Serviço Social. Uma vez que faz parte também dos seus estudos e produções acadêmicas, pensar de forma crítica os processos da sociedade capitalista.

Como observou-se ao longo desta breve apreciação, foi principalmente durante o movimento de reconceituação que o Serviço Social se aproximou de uma perspectiva mais crítica e com a construção de um Serviço Social Latino-americano. Sobretudo a partir de 1969, que se condensa a aproximação com a tradição marxista que também estava imbricada no pensamento crítico da América Latina através das teorias e metodologias, como por exemplo a “a teoria da dependência”, que se encontra em autores como Rui Mauro Marini.

O presente trabalho também demonstra a necessidade de aprofundamento da presente temática. Visto que este tema ainda se apresenta como uma lacuna, que só pode ser respondida com maior rigor científico através de pesquisas mais amplas e densas, portanto, as reflexões aqui trazidas foram introdutórias e enseja pesquisas futuras.



REFERÊNCIAS

- ALAYÓN, N., MOLINA, M. Acerca del Movimiento de la Reconceptualización. **Revista Prospectiva**/ Universidad Del 32 Valle / 2004 / Nº 9, 2004.
- BAMBIRRA, Vânia. **Teoría de la dependencia**: una anticrítica. México: Era, 1978.
- EIRAS, Alexandra A. L. T. S.; MOLJO, Carina Berta; DURIGUETTO, Maria Lúcia (Orgs.). **Perspectivas histórico-críticas no serviço social**: América Latina, Europa e EUA. Juiz de Fora: Editora Juiz de Fora, 2022.
- IAMAMOTO *et al.* A importância do Centro Americano de Trabajo Social (CELATS) no contexto da reconceituação do Serviço Social na América Latina. In: EIRAS, Alexandra A. L. T. S.; MOLJO, Carina Berta; DURIGUETTO, Maria Lúcia (Orgs.). **Perspectivas histórico-críticas no serviço social: América Latina, Europa e EUA**. Juiz de Fora: Editora Juiz de Fora, 2022.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**, p. 608-639, 2014.
- MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: SADER, E. (Org.). **Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**. Petrópolis: Vozes/CLACSO/Laboratório de Políticas Públicas, 2000. pp. 105-165.
- MARTINS, Carlos Eduardo. **América Latina, dependencia y globalización** / Ruy Mauro Marini; antología y presentación, México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- PAULO NETTO, José. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no Brasil pós 64. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAZ, Fernanda Alves Ribeiro. Notas sobre Dialética da dependência, de Ruy Mauro Marini. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. e-6628340, 2023.